

Ba Jin e a “Plataforma Arshinov”

Angel Pino

Resumo: Publicado originalmente em março de 2013. Este artigo apareceu originalmente no nº 45 da revista anarquista francesa *A Contretemps: Bulletin de Critique Bibliographique* — março de 2013. Traduzido e ligeiramente alterado por Nick Heath. O artigo trata da relação do anarquista Ba Jin com o debate da Plataforma, que era estimulado pelo grupo de anarquistas russos exilados na França.

Palavras-chave: anarquismo russo, anarquismo francês, plataformismo, Ba Jin.

Quando Ba Jin chegou à França, em fevereiro de 1927, para uma estadia de pouco menos dois anos, já se agitava há muitos meses um debate nos círculos anarquistas, especialmente entre os exilados políticos, sobre questões organizacionais e doutrinárias. Iniciada no verão de 1925, por iniciativa de militantes libertários russos que fugiram do terror bolchevique, as divergências resultaram notavelmente na publicação deste texto, datado de junho de 1926, que posteriormente desfrutou de uma fama passageira, a Plataforma Organizacional da União Geral dos Anarquistas — erroneamente chamada de “Plataforma Arshinov” em homenagem ao secretário do grupo editorial, uma vez que era um trabalho coletivo atribuível, entre outros, ao célebre Makhno¹. E Ba Jin estava lá há apenas algumas semanas quando a crítica mais famosa dirigida contra este projeto apareceu em abril de 1927 que, embora também tivesse muitas assinaturas, foi redigida principalmente por Volin.²

Os “plataformistas”, como são designados, alegando a experiência vivida no seu país, culpavam essencialmente o fracasso do movimento anarquista — entendendo o movimento

¹ Publicado pela primeira vez em russo na revista *Dielo Truda* (A Causa do Trabalho), periodicamente, a partir de junho de 1926, foi traduzido para o francês em outubro seguinte, em uma versão paradoxalmente montada por Volin, seu principal detrator, que é também acusado de ter distorcido o texto original: o Grupo Anarquista Russo no Exterior, A Plataforma Organizacional da União Geral dos Anarquistas (Rascunho), seguido de “Suplemento à Plataforma para organização da União Geral dos Anarquistas (perguntas e respostas)”, Biblioteca Internacional, 1926.

² Resposta de vários anarquistas russos à Plataforma, *Librarie Internationale, Paris 1927* (Sobol, Fléchin, Schwartz, Steiner, Volin, Lia, Roman, Ervantian). Esses documentos, e outros, foram reproduzidos nos dois livros seguintes, às vezes em tradução revisada (que, no que diz respeito ao segundo, não relatada): Alexandre Skirda, *Individual Anarchy and Collective Force: Proudhon's Anarchists and Organization today*, Paris, AS, 1987; A Organização Anarquista: textos fundadores, edições do *Entr'aide*, [Paris], 2005. Sobre a controvérsia, além do livro de Skirda, ver Gaetano Manfredonia, “Le Débat “plate-forme” ou “synthesis””, in: *The Organização Anarquista*, pp. 5–22 (extraído da revista *Directions: a life, a thought*, nº 13, “Voline”, 1995, pp. 33–41); e René Berthier, “Lições de outubro: sobre o 80º aniversário da Revolução Russa”, *Le Monde libertaire*, número especial nº 9, 18 de dezembro de 1997–29 de janeiro de 1998.

anarquista como um todo, e não apenas o movimento russo, ainda que o episódio da a Revolução Russa havia servido neste caso como um catalisador para a reflexão – sobre “a falta de princípios firmes e uma prática organizacional consistente”³; e contra o “individualismo irresponsável” e galopante a olhos vistos, eles defendiam a “responsabilidade coletiva”⁴.

Volin e seus camaradas, eles próprios armados com a mesma experiência, zombaram da “valorização exagerada do papel e do escopo da organização” e denunciaram o que consideravam apenas “um revisionismo oculto em relação ao bolchevismo”⁵. Essa opinião foi compartilhada pelo italiano Malatesta, outro opositor da “Plataforma”, que julgou que os “plataformistas”, “obcecados com o sucesso dos bolcheviques em seu país”, queriam “como os bolcheviques, alistar os anarquistas em uma espécie de exército disciplinado que, sob a direção ideológica e prática de alguns dirigentes, marcharia, compacto, para atacar os regimes vigentes e a vitória material obtida, dirigiria a formação da nova sociedade”⁶. Os detratores da “Plataforma” e Volin em todo caso, defendiam uma “síntese” conciliando, tanto no plano ideológico quanto organizacional, as três principais correntes do anarquismo: a corrente comunista, a sindicalista e a individualista⁷. E foi justamente isso que a “Plataforma” condenou: “Rejeitamos por ser teórica e praticamente infundada a ideia de criar uma organização a partir da receita da “síntese”, ou seja, reunir os simpatizantes das várias vertentes do anarquismo. Tal organização abrangendo um pot-pourri de elementos (em termos de sua teoria e prática) não seria nada mais do que uma reunião mecânica de pessoas com visões variadas sobre todas as questões que afetam o movimento anarquista, e inevitavelmente se desfaria ao encontrar a realidade.”⁸

A polêmica teve como efeito dividir radicalmente o movimento anarquista francês, e pelo menos até o início da década de 1930: em novembro de 1927, a União Anarquista Comunista (UAC) — à qual, em julho de 1926, Nestor Makhno e Piotr Arshinov se uniram — adotou estatutos inspirados na “Plataforma” para se transformar em uma União Anarquista Comunista Revolucionária (UACR), enquanto separava os opositores da “Plataforma”, reagrupados na Association Des Federalistes Anarchistes (AFA) sobre uma base “sintetista”, tal como teorizou Sébastien Faure⁹. E só em abril de 1930 a UACR repudiou definitivamente

³ Plataforma, in: Alexander Skirda, p. 253

⁴ Ibid., p. 280.

⁵ Resposta de vários anarquistas [“Sobre o projeto a” organização plataforma “”], em: L’Organisation anarchiste, p. 120.

⁶ Errico Malatesta, “Resposta à Plataforma” (1927), *ibid.*, p. 133.

⁷ Ver seu artigo, “De la synthèse”, in *La Revue anarchiste*, números 25 e 27 de março e maio de 1924, pp.2–8 e 2–4.

⁸ Archinov, “Introdução” para a plataforma (20 Junho de 1926), in: Alexander Skirda, p. 255.

⁹ Sébastien Faure, “La Synthèse anarchiste” (1928), in: L’Organisation anarchiste, p. 135–146.

as teses “plataformistas” e voltou aos seus antigos princípios, e em maio de 1934 fundiu-se com a AFA em um único grupo, a União Anarquista (UA). A “Plataforma” não permaneceria morta e enterrada por muito tempo e foi repetidamente revivida na França ou em outros lugares.

O grupo editorial da “Plataforma” tinha como ambição concreta estabelecer uma universal União Internacional dos Anarquistas, que seria “um organismo internacional reunindo numa única organização as forças em solidariedade com as principais teses teóricas e sugestões práticas delineadas na “Plataforma”¹⁰. Para tanto, a fim de “preparar o terreno”, uma “comissão interina” foi formada em 12 de fevereiro de 1927 — uma semana antes da chegada de Ba Jin à Gare de Lyon — em reunião realizada em um bistrô parisiense, localizado na 62 Rue de la Roquette, na presença de libertários russos, franceses, espanhóis, italianos e poloneses, e mesmo um libertário chinês. Era formado pelo russo Makhno, o polonês Ranko (Benjamin Goldberg) e exatamente este chinês, Wu Kegang (chamado Chen¹¹).

Wu Kegang era um jovem estudante de economia na Sorbonne¹² com quem Ba Jin se relacionou ao pisar em Paris. Foi Wu Kegang quem veio ao encontro de Ba Jin quando ele desceu do trem, Wu Kegang quem encontrou Ba Jin e o amigo que havia viajado com ele da China, Wei Huilin¹³, um hotel, ou melhor, uma espécie de pensão na Rue Blainville, 5, no 5º arrondissement, onde ele próprio morava, e foi novamente Wu Kegang que, um mês depois, mudou-se com os dois para um segundo hotel localizado perto do primeiro, na rue Tournefort, 2.

Juntos, os três jovens redigiram um texto que apareceu em Xangai em abril de 1927, na forma de um livreto intitulado Anarquismo e questões práticas, livreto que assinaram com os nomes Huilin [Wei Huilin] Feigan [Ba Jin] e Jun Yi [Wu Kegang]¹⁴ e em que cada um apresentou seus argumentos sobre a oportunidade dos anarquistas cooperarem ou não com o Kuomintang.

¹⁰ Salvo indicação em contrário, as seguintes informações vêm de um relatório do “Encontro Internacional, cinema anarquista de Roses, L’Hay-les-Roses, 20 de março”, datado de 21 de março de 1927 (Arquivos da Prefeitura de Polícia, Paris, BA, 1899, 350.000-H6); e o testemunho de um dos participantes, Ugo Fedeli, “Principi e metodi dell’organizzazione” *Volontà* 4–5, 15 de novembro de 1948, p. 267–272, e nº 6, 15 de janeiro de 1949, p. 373–382.

¹¹ Em outras ocasiões, seu nome é transcrito como Cen ou Tchen. Ele é provavelmente o “chinês” que havia participado da reunião comemorativa do primeiro aniversário do nascimento da revista *Dielo Truda*, em 20 de junho de 1926 (Skirda, p. 164).

¹² Wu Kegang (1903–1999) — ou Wu Yanghao (Woo Yang-hao) — bibliotecário e professor, especialista em economia cooperativa, mudou-se para Taiwan depois de 1945, onde encerrou com sua vida. Ver Angel Pino, nota “Wu Kegang”, em: *Dictionnaire biographique du mouvement libertaire francófono* [DBMLF] (no prelo).

¹³ Wei Huilin (Wei Hwei-lin, 1900–1992), etnólogo e sociólogo, estudante em Paris Celestin Bougie, que se mudou para Taiwan em 1949, quando o Partido Comunista assumiu o poder na China. Ver Angel Pino, nota “Wei Huilin”, em: DBMLF (no prelo).

¹⁴ Huilin [Wei Huilin] Feigan [Ba Jin] e Jun Yi [Wu Kegang] *Wuzhengfuzhuyi shiji goesi yu* (anarquismo e questões práticas), em *Minzhong*, Xangai, abril de 1927.

Acima de tudo, Ba Jin interveio no debate sobre a “Plataforma” por meio de uma contribuição escrita que se destinava ao comitê provisório do qual Wu Kegang fazia parte. Por motivos que ficarão mais claros posteriormente, o relatório permaneceu inédito, exceto por uma longa passagem que ele confidenciou escondida atrás do pseudônimo Renping a Pingdeng (Igualdade), uma revista chinesa de cunho anarquista, sediada nos Estados Unidos, em São Francisco, sob o título “Anarquismo chinês e a questão da organização”¹⁵. Ele lançou um apelo em defesa da organização, uma organização que não é centralizada, mas nunca se referindo, pelo menos na parte publicada, ao programa do Grupo de Anarquistas Russos no Exterior.

O apoio de Ba Jin ao movimento plataformista parece ter-se limitado a esta contribuição escrita, e nada nos deixa sugerir que, por exemplo, tenha assistido a uma ou outra das reuniões organizadas pelos camaradas de Wu Kegang. Ele não compareceu a estes encontros, mas mesmo assim encontrou alguns destes militantes: Makhno, de acordo com Wei Huilin¹⁶, e mais definitivamente Aniela Wolberg, Ranko e Ida Mett, se levamos em conta sua autobiografia¹⁷.

No dia 22 de fevereiro, esta comissão interina realizou uma conferência internacional, que começou em 20 de março de 1927 no cinema Les Roses, Rue de Metz, em L'Hay-les-Roses¹⁸, nos subúrbios de Paris, exclusivamente para aqueles que apoiaram a “Plataforma”, mesmo que apenas em linhas gerais. Entre os participantes cuja presença é notada, estavam membros da UAC — não como delegados, pois a UAC não tinha deliberado a favor da “Plataforma” — estavam Peter Lentente, Severin Férandel ou Rene Boucher (Pierre Le Meillour, ausente, mostrou seu apoio enviando uma carta), e da Juventude Anarquista, Pierre Odeon (Pierre Perrin); o grupo de anarquistas russos por trás do evento, tal como Archinov, Makhno e Ida Gilman (Ida Mett); dois grupos de italianos, um grupo liderado por Viola (Giuseppe Bifulchi), e o grupo Pensiero e Volontà com Luigi Fabbri, Camillo Berneri e Hugo Treni (Ugo Fedeli¹⁹); um grupo de poloneses, incluindo Ranko, Jean Walecki (Isaak Gurfinkiel) e Aniela Wolberg; outro de búlgaros, com Avram Tchelebiev; e um terço de espanhóis; Por

¹⁵ Renping [Ba Jin], “Zhongguo yu wuzhengfuzhuyi zuzhi goesi” (“O anarquismo chinês e a questão da organização”) Pingdeng (Igualdade), San Francisco, vol. 1, n° 2, 1º de agosto de 1927; agora em Ba Jin Quanji (Trabalhos completos de Ba Jin), Renmin wenzue chubanshe, Beijing, vol. 18, 1993, p. 129–132.

¹⁶ Ver Paul Avrich, *Anarchist Voices: An Oral History of Anarchism in America*, Oakland (Califórnia, EUA) / Edimburgo (Escócia), AK Press, 2005, p. 408.

¹⁷ Ba Jin criou alguns personagens como eles, com Wu Kegang em seus contos “Yalianna” [Aniela] (1931) e “Yalianna Woboerge” [Aniela Wolberg] (1933). Nas versões francesas desses dois textos, seus nomes foram transcritos erroneamente: em defesa dos tradutores, devemos admitir que Ba Jin, com sua pronúncia de Sichuan, tinha dificuldade em distinguir certos sons. Deve ler Aniela Wolberg para Ariana Volberg e Ranko para Handke. Ver Pa Kin, , *Le Secret de Robespierre, et autres nouvelles*, vários tradutores, Paris, Mazarine, coll. “Romano”, 1980, p. 139–153 e 155–165.

¹⁸ E não 20 de abril em Bourg-la-Reine, como escrito às vezes, a confusão vem do relato de Fedeli.

¹⁹ Nos arquivos da polícia, ele está registrado como Hugo Werny, cidadão russo (Arch. PPO, BA 1899).

fim, vieram indivíduos como Achille Dauphin-Meunier ou Wu Kegang e também o russo Isaac Kantorivtich e o italiano Mario Frazzoni, dos quais não sabemos em qual qualidade estavam presentes.

Durante a reunião da manhã, discutiu-se o plano de criação de uma Internacional de Uniões Anarquistas com um “comitê preparatório” estabelecido para esse fim, e uma moção foi apresentada para debate, que incluía o seguinte:

- 1) Reconhecimento da luta de classes como o fator mais importante no sistema do anarquismo;
- 2) O reconhecimento do sindicalismo como um dos principais métodos de luta do anarquismo;
- 3) Reconhecimento do Anarquismo Comunista como base do nosso movimento;
- 4) A necessidade em cada país de uma União Geral de Anarquistas baseada na unidade ideológica, tática e sob a responsabilidade coletiva;
- 5) A necessidade de um programa positivo e criativo para a revolução social.

As discussões aparentemente foram muito animadas. O grupo *Pensiero e Volontà* não estava totalmente comprometido com as teses “plataformistas”, Werny (Fedeli) avaliava que a “plataforma” que lhes foi apresentada provavelmente era perfeita para os russos “mas apenas para eles”, e Fabbri chocado com algumas formulações declarou não compartilhar da opinião da “Plataforma” sobre a “guerra de classes”, sendo o ideal anarquista um “ideal humano”, inimigo de toda autoridade. Ele sugeriu, por conseguinte, algumas das emendas à moção que foi apresentada antes da reunião, mais numerosas e menos anódinas do que às vezes tem sido relatado²⁰. Sobre o primeiro ponto, pediu que fosse corrigido para: “O reconhecimento da luta de todos os explorados e oprimidos contra a autoridade do Estado e do capital como o fator mais importante do sistema anarquista. “E o quinto: “Necessidade em todos os países no mais geral possível de uma união anarquista, tendo o mesmo objetivo final e a mesma tática prática, bem como da responsabilidade coletiva.”

Mas em 1º de abril, o comitê provisório distribuiu uma circular na qual se libertou das reservas expressas na conferência e contrapropostas alternativas, e deu como certa a criação de uma “Federação Anarco-Comunista Revolucionária Internacional” construída sobre os

²⁰ Como Gaetano Manfredonia apontou, Luigi Fabbri, *le mouvement anarchiste italien et la lutte contre le fascisme*, Paris, Editions du Monde libertaire, Paris, 1994 p.136 sq. Para Skirda, ao contrário, Fabbri propôs apenas uma “leve modificação” (p. 178).

preceitos da “Plataforma”. O grupo *Pensiero e Volontà* anunciou que preferia ficar de fora “no momento” do empreendimento, e nisso foi imitado por outros participantes da conferência²¹.

Pois se na conferência as divergências não foram resolvidas foi porque a reunião foi interrompida por uma batida inesperada da polícia, alertada certamente por um informante, que delatou a todos²².

Como outros ativistas estrangeiros que foram presos, Wu Kegang foi alvo de uma investigação policial, e seu quarto, próximo ao de Ba Jin foi revistado²³. Depois disso, ele recebeu uma notificação de deportação:

Cerca de trinta anarquistas, ativistas russos, poloneses, búlgaros, italianos, chineses e espanhóis terminaram por receber um aviso de expulsão exigindo que eles deixassem a França antes de 10 de junho. Esses homens, tão odiosamente expulsos da França, foram forçados a deixar seus respectivos países onde reinavam cruéis ditaduras que colocavam os anarquistas como foras da lei. Entre os expulsos estava ainda um estudante chinês...²⁴

Ba Jin, que evoca o episódio em seu conto “Aniela Wolberg”, apressou-se em dizer a seus correspondentes, no caso os anarquistas Emma Goldman e Alexander Berkman²⁵, que Wu Kegang havia sido expulso do território. Na verdade, este último só deixou a França no outono de 1927 a bordo de um barco que também levou Jacques Reclus²⁶ a Xangai. As autoridades francesas não o informaram imediatamente: em outubro de 1927, decretaram que “a pessoa chamada Woo Yang Hao [Wu Kegang],... [estava] ainda sob investigação”²⁷; e no início do ano seguinte, quando já tinha regressado à China, autorizaram-no, com Camillo Berneri, Ida

²¹ Encontra-se nas “Notas para uma bibliografia de Berneri” compiladas por Giovambattista Carroza para a coleção de Obras selecionadas de Camillo Berneri (introdução Gino Cerrito, Paris, Editions duMonde Libertaire, 1988, p. 322–323) uma lista de posições dos anarquistas italianos, especialmente os que participaram desta conferência, a respeito da “Plataforma”.

²² Malcolm Menzies dá uma versão ligeiramente diferente do evento, que infelizmente não se baseia em nenhuma fonte verificável: o encontro não teria ocorrido no próprio cinema, mas em um apartamento acima, e foram os participantes que decidiram adiar quando perceberam que a polícia estava cercando o prédio; depois, tentaram sem sucesso escapar misturando-se com os espectadores que saíam do cinema, mas não antes de queimar todos os documentos incriminadores (Makhno, um épico: o levante anarquista na Ucrânia de 1918 a 1921, traduzido do inglês por Michel Chrestien, Paris, Belfond, 1972, p. 237).

²³ Ba Jin, “Ariana Volberg,” p. 158.

²⁴ F. [Férandel], “Expulsão em massa de ativistas libertários”, *Le Libertaire*, 10 de junho de 1927.

²⁵ Carta de Li Yao Tang [Ba Jin] para Emma Goldman, 5 de julho de 1927, *The Emma Goldman Papers*, carretel 18; Carta de Li Tang Yao para Alexander Berkman, 18 de julho de 1927, Instituto Internacional de História Social, Amsterdã, IISG, Alexander Berkman Papers, General Correspondence, 47, carta de 20 de maio de 1925.

²⁶ Shaokelu [Jacques Reclus], “Wo suo renshide Li Yuying xiansheng” (Sr. Li Yuying como eu sabia), *Zhuanji wenxue* (Literatura biográfica), 45, nº 3, 1984, sete. pp. 87–88. Sobre Jacques Reclus (1894–1984), filho de Paul, filho de Elisee, que passou um quarto de século na China, veja o artigo que dedicamos a ele no DBMLF.

²⁷ [Georges] Renard, Diretor de Segurança Geral, Chefe de Gabinete do Ministro do Interior, para o Comissário de Polícia, Escritório, Gabinete 1, 19 de outubro de 1927 (Arch.PPo, BA 1899).

Mett, Isaac Kantorovitch, Avram Tchelebiev e Luigi Fabbri, a residir em França, “a título de prova trimestral renovável”²⁸.

A discussão morreu. Em agosto, o grupo editorial da “Plataforma” respondeu a Volin com o texto “Uma Resposta aos Confusionistas do Anarquismo”²⁹, e algum tempo depois, como vimos, a “Plataforma” foi adotada pela UAC. No entanto, a Federação Anarquista Comunista Revolucionária Internacional nunca viu a luz do dia, e a maioria das deportações anunciadas foram finalmente realizadas, quando as saídas não eram voluntárias³⁰.

Ba Jin, no seu caso, mudou-se em julho de 1927 para Chateau-Thierry, no Aisne, a cem quilômetros de Paris. Supomos em outro lugar que as razões que ele sempre invocou para explicar essa decisão - oferecer a seus pulmões doentes pulmões mais saudáveis um ar mais saudável do que o da capital e economizar sua bolsa escolhendo um modo de vida mais barato - talvez pudesse acrescentar-se o receio de se envolver neste assunto em que Wu Kegang estava implicado e, em última instância, que ele encarava apenas à distância³¹.

Traduzido do inglês ao português por Rafael V. da Silva

Publicado em 28/11/2022 no Instituto de Teoria e História Anarquista (ITHA)

²⁸ O Ministro do Interior ao Prefeito de Polícia, Gabinete, Gabinete 1, 9 de janeiro de 1928 (Arch. PPO, BA 1899).

²⁹ Grupo de Anarquistas Russos no Exterior, Resposta aos confusionistas do anarquismo, Librairie Internationale, 1927 texto publicado em Skirda, p. 295–311.

³⁰ Makhno poderia permanecer na França, desde que cumprisse rigorosamente a exigência de condições políticas, graças à intervenção do anarquista Louis Lecoïn com o comissário de polícia Chiappe (Louis Lecoïn De prison en prison, 1947 Antony, p. 176–177).

³¹ Angel Pino, “Ba Jin, la France et Chateau-Thierry”, in : Ba Jin, un écrivain du peuple au pays de Jean de la Fontaine, Chateau-Thierry, Musée Jean de la Fontaine Museum, 2009, p. 193.